

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 69

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1905

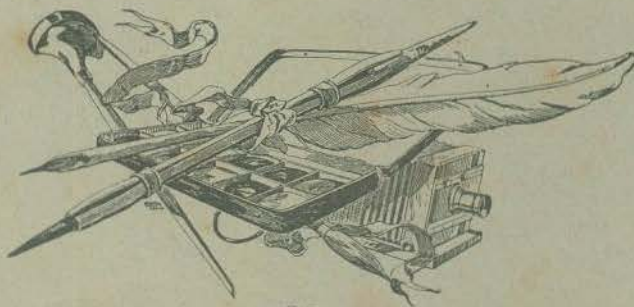
E prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno 8\$000
Semestre 4\$000
Trimestre 2\$000

Brazil
Anno 62\$000 moeda fraca
Semestre 30\$000

Territorios da união postal
Anno 10\$500
Semestre 5\$500



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Custodia Imprensa
Rua - ...
© 1905

LISBOA
Empreza do jornal "O SECULO."
43-RUA FORMOSA-43

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARRÓS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA-LISBOA

Mutual Reserve Life Insurance Company
 De NEW-YORK
 COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA
 Rua Aurea, 178, 1.º - Lisboa

Curso nocturno
PEREIRA DE SOUZA
 Para adultos, homens e crianças, em classes separadas. Francez, inglês e alemão por professores estrangeiros. Instrução primaria, aperfeiçoamento e para exame, calligraphia, contabilidade e escripturação. Todas as noites das 6 horas em diante.
CONCURSOS - Habilitam-se os concorrentes nos diversos concursos de todos os Ratos e Comarcas.
 Para a provincia e além do continente - Ensinam-se por meio de correspondência, calligraphia, contabilidade e escripturação.
 Telephone n.º 23
Rua Nova do Almada, 53, 3.º

STEFFANINA
 Chemiseria, cravates
 Trouseaux, Gants, Nouveautés
 45, Rua do Loreto, 55

Centro Colonial Typographic
 Rua da Conceição da Gloria
 Trabalhos em todos os generos.
 Præços resumidos



Bueno Romera
 CIRURGAO-DENTISTA
 Tratamento de doenças da bocca. Collocação de dentaduras artificiaes.
CONSULTORIO:
CALÇADA DO COMRO, 32, 1.º
 (Vulgo Paulistas) - Lisboa

J. PIRES TAVARES
 Rua do Príncipe, 128, 130 Lisboa
Drogaria e perfumaria
 Especialidade em artigos para tratamento de vinhos e perfumarias dos melhores fabricantes.
 Drogas e productos chimicos

TODOS OS PAES PREVIDENTES
 DEVEM segurar a vida na
'MUTUAL LIFE' Praça dos Remolares



LOJA DA AMERICA
 Rua do Ouro, 206 a 210
 Rua d'Assumpção, 92, 94 e 96
 Últimas novidades em robes chambres
 Sortimento colossal e variadissimo de envoaes para casamentos e baptisados
MODELLOS EXCLUSIVOS
LOJA DA AMERICA

CASA MIMOSO
 129, Rua do Ouro, 131
CHEGOU UMA elegante collecção de chapéus
Meia estação



Duarte Moreira Rato
 Materiaes de construção
 Campo das Cebolas, A. R.



VIZELLA
 RETROZARIA
 Fim da estação 78, R. ROCIO, 80
 Saldos vantajosissimos
GRANDES DESCONTOS

Casa das Novidades
 DE Affonso de Pinho & Coelho da Silva
 145, Rua do Ouro, 147
 Sortimento colossal de marcas para **COTILLON**
 Artigos para decorações de salias no carnaval, flores, corças, etc., etc.
 145, Rua do Ouro, 147

Relojoaria e Electricidade
 Gaz e Agua
 Ha sempre em deposito todo o material pertencente a estes negocios, encarregando-se de installações completas de luz electrica, ventoinhas, campainhas, telefones, agua e gas, montagem de electro motores para mover moinos de café, tendo um ousoano muito economico. Ha sempre em deposito lamparas para todas as voltagens.
 Antiga Relojoaria Garantida Cordero & Pilar, Successor Manuel José Pilar
 26, Travessa de S. Domingos, 28, loja

Instituto Brigantino
 DE
João M. Camello
 Rua Nova do Almada, 53-Lisboa
INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA
 Commercio e linguas

TABACOS SEM NICOTINA
 DEPOSITO
J. J. MARQUES JOR.
 RUA DA FRATA 35, 1.º



MAU HALITO
 e a má cõr dos dentes desaparecer com o uso da Pasta dentifrica Couraça, tida por muito boa por medicos eminentes.
 Á venda nos principaes estabelecimentos
 Deposito M. B. B. Teixeira
 230, Rua de S. Bento, 236



Flores naturaes
JARDIM DE LISBOA
 de PEXINHO (FLORISTA)
 Lisboa
 49, Rua Nova do Carmo, 48

Carlos Correia da Silva
 Rua Serpa Pinto, 24
 Machinas para diversas industrias e materiaes para as artes graphicas.
 Motores a gaz **GROSSLEY**

Mosaicos hydraulicos e ceramicos de Goarmon & C.
 Azulejos em faiança, de cartão e em estilo arabe proprios para decorações artisticas.
 Catalogos sob requisição
 T. do Corpo Santo, 21-Lisboa



DOTES PARA CRIANÇAS
 DE 1 AOS 15 ANNOS
 50 a Equitativa dos Estados Unidos do Brazil emite dotações infantis desde a modica contribuição de
500 réis por trimestre
 Com esta contribuição receberá uma criança de um anno de idade, quando completar os 21 annos a quantia de **705400 REIS**. Contribuição de 500 réis em qualquer quantia, trimestralmente, (dotações unicas), sob a pagação de uma 20.ª vez. Præta respectiva a **Filial da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil**
 Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa.

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1905

NUMERO 69



O GRAN-DUQUE SERGIO ALEXANDROVITCH

O gran-duque Sergio era tio do czar e casara com a princesa Isabel d'Essa. Nascou em 29 de abril de 1857 em Tsarkoie Solo e era tão odiado pelo povo quanto a esposa é estimada. O gran-duque foi victima d'um attentado em Moscow e fôra previsto de que lhe ia succeder, assim como a gran-duquesa fôra avisada de não andar na mesma carruagem com o marido. Sergio Alexandrovitch refugiara-se no Kremlin em face da gravidade que os acontecimentos iam tomando; dizia por vezes não ter medo dos revolucionarios, mas era certo que seria sempre com infinitas precauções, encalhando-se no canto da carruagem. Porém a sentença de morte fôra lida e fatalmente havia de ser executada. Um trem choccou-se com o trem do gran-duque em frente do Palacio da

Justiça, de dentro foi arremessada uma bomba e, enquanto a equipagem que conduzia Sergio se fazia em estilhaços, o trem buscava escapar-se.

A policia conseguiu detello, lançou-se sobre dois homens que estavam tambem feridos e quiz agredil-os, ao que a multidão torazmente se oppoz. O corpo do gran-duque, horrivelmente despedaçado, jazia na praça, a cabeça e as pernas estavam separadas do tronco; um official que passava cubria-o com o sapato, pôde-se ver, e dentro em pouco apparecia n'um grande desatino a gran-duquesa, que chorava ali na praça publica, diante do povo, o marido condemnado à morte por uma das numerosas sociedades secretas que procuram conseguir a liberdade da Russia.

CHRONICA

Rêdes varredoiras

Desde ha muito que a rêde varredeira entrou no systema nacional. Os vapores estrangeiros fazem impudicamente a pescadearnato, a mesma pesca é feita a coberto de riscos por entidades ao abrigo das leis. Os vapores inglezes e allemães chegam com as suas machinas resfolegantes, os seus metaes luzidios, com os seus marinheiros fortes e loiros, lançam nas nossas aguas as rêdes bem tecidas, de malhas apertadas, e arrancam as profundezas do oceano as crias dos peixes, puxam toneladas de pescaria que outros com os utensilios da ordem não conseguem apanhar n'um anno e vem descarregar-as á Ribeira Nova, com o mesmo arserono, imperturbavel, sem vergonha, pensando como o gallego áfrica da nossa espezteza:

— A agua é d'elles e nós é que a vendemos!

Pelas praias apparecem cardumes de peixinhos cõr de prata e de gueira saugrenta, que listram a borda do mar n'uma accusação, e os barcos continuam a chegar com as mesmas machinas, os mesmos marinheiros e as mesmas rêdes e a desembarcarem as suas cargas fraudulentas e corsarias nas barbas honradas dos varinos, á luz das manhãs, em pleno mercado. Os jornaes protestam, os pescadores nacionaes alçam o braço, fecham muros, enrouquecem a herrar na borda dos caes:

— Eh! piratas! Eh! piratas!

Mas o mar vai ficando sem as criações, as colonias de peixes vão sendo arrasadas, os pescadores calam-se vendo que bradam no deserto e os vapo-



REAL COLLEGIO MILITAR—O EDIFICIO

henses, largos contractos, magnificas prebendas, palacios e quintas, monopolios negociatas, e como na Ribeira Nova os varinos gritam em frente dos

barcos estrangeiros que roubam a pesca, assim o paiz se põe a clamar diante d'estes milagrosos factos, em frente d'essas rêdes que são manejadas com destreza, ás vezes por conselhos dados galantemente por senheras que se entreteem na pescaria como se fizessem paciencias, sem esforços, quasi distrahidas, mas colhendo n'ellas as joias com que se enfeitam, os vestidos que envergam, os lutos jantares, as grandes viagens, as supremas distincções, armazenando todavia a maior parte para quando as suas rêdes forem confiscadas em nome dos interesses do paiz, que, como esses peixinhos claros lindos, cõr de prata e de saugrenta gueira, vai a dar á costa.

Quando chegar o momento das responsabilidades para os barcos estrangeiros que vem piratear nas aguas portuguezas, elles darão mais forza ás machinas e escaparão á justiça, á sombra das suas bandeiras: quando se quizer pedir contas aos outros pescadores, todos de galanteria e graça, que fazem a pesca com ares de sport, quando a consciencia nacional quizer apanhal-os por sua vez na rêde varredeira que a dignidade deve ter, sempre haverá maneira de se furtarem ao castigo e veremos então um caso unico nos annos da pesca: — os maiores peixes saberão escapar-se pelas mais apertadas malhas da nossa rêde justiceira!

E, como fazem agora os pescadores na Ribeira Nova, o paiz começará a bergar até enrouquecer, de mãos vazias e falando de direitos, enquanto os outros se retirarão a todo o vapor, de algibeiras cheias e rindo de nós outros e do codigo... á sombra da sua bandeira corsaria é impunes como os vapores das rêdes varredoiras.

ROCHA MARTINS.



REAL COLLEGIO MILITAR—SALA D'ARMAS

res carregam cada vez mais e safam-se para os seus portos, fazem fortunas os industriaes emquanto a gente de Ovar, os filhos d'esse norte laborioso, clamam já estafados e falam em justiça de que os outros se riem á gargalhada.

A rêde varredeira é um symbolo; é justo, pois, que se empregue na verdade.

Ha rêdes feitas com lindas tranças de cabelo que prendem milhares de corações, outras são formadas por grossas cadeias d'ouro e ligam consciencias, algumas são tecidas por grandes hypoerisias e sujeitam amizades, e na coisa publica, ali sobreindo, ellas são formadas por tudo isto, por lindas tranças, por cadeias d'ouro, por hypoerisias, e algemam o paiz.

Lançadas estas rêdes ás vezes por bem fracas mãos cobertas de joias, scintillantes de pedrarias, atiradas sem risco ao fundo dos cofres e das aguas larvas da politica vem abarrotadas como as outras rêdes varredoiras dos vapores estrangeiros, trazem consigo o suor de muitos miseraveis, o pão de muitas crianças, a dignidade do paiz e geram com o seu subo fundo a destruição das riquezas que percoem ao contacto d'esse arrasto poderoso que traz o peixe d'ouro.

N'um largo ambito a rêde cae, ha risadas, vive-se de folia; ouve-se uma voz mandando puxar e diante dos olhos muito abortos de pasmo dos logrados vê-se ali, n'aquellas apertadas malhas, grandes



REAL COLLEGIO MILITAR—A ENFERMARIA

(Photographias gentilmente cedidas á «Illustração» pelo sr. major Correia, lente da Escola do Exercito)



OS ALUNYOS DO REAL COLLEGIO MILITAR

O Real Collegio Militar tem as suas raizes seculares do antigo forte da Foz de S. João da Barra, onde se encontrava ha 101 annos o regimento d'artilheria da corte. O tão benemerito quasi distincto e valente coronel d'este regimento, Antonio Teixeira Rebelo, que deixou tão profundamente gravado o seu nome

na memoravel campanha de Roussilhão, teve a feliz ideia de fundar uma escola, onde fosse ministrada a instrucção aos filhos dos militares aquartelados no forte e da infancia da população civil dos arredores. Apesar da boa vontade e energia do seu fundador, o Collegio da Foz de S. João viu-se a bracos com difficuldades

semprae crescentes, até que, em 1833, o principe regente D. João, n'uma visita que fez ao forte, conceder 200 réis diarios para auxilio de cada collegial e bem assim uma pequena retribuição aos professores que até então haviam ensinado gratuitamente.



UMA CABEÇA DE VELHO



RETRATO PELO ALUNNO EMILIO CAMPOS



A «MAQUETTE» DO ALUNNO FRANCISCO SANTOS



MULHER DE COSTAS PELO ALUNNO SANTOS



MULHER SENTADA PELO ALUNNO CARDOSO

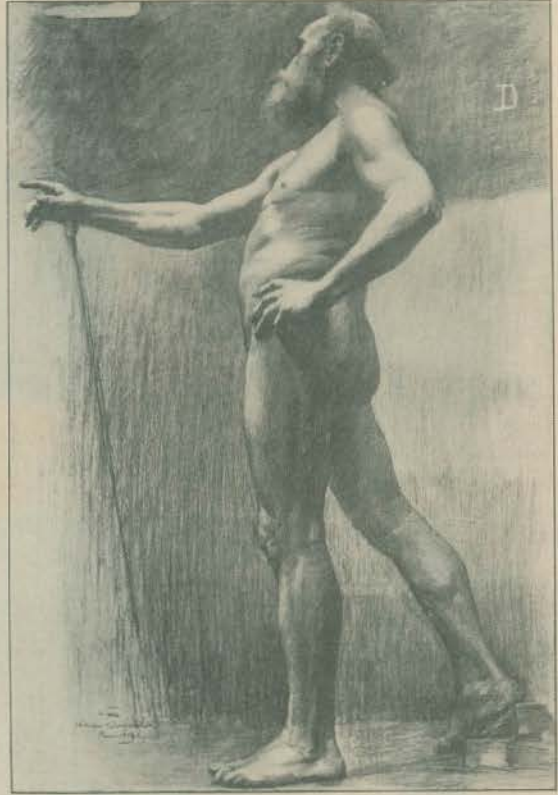
A EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNNOS DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

A *Illustração Portuguesa* sempre uma parte do seu programma se interessar-se por todo o movimento artistico nacional e por isso hoje publica alguns dos mais bellos trabalhos dos alumnos da Academia de Bellas Artes, tanto de desenho como de esculptura e d'architectura, que são provas de rapazas que tem o dever moral de contribuírem para o levantamento da arte

portuguesa. Estes trabalhos são dos alumnos dos 2.º, 3.º e 4.º annos e foram apresentados nos exames do anno lectivo de 1903-1904. Os desenhos são todos d'uma grande correção, d'um bello traço, modelares e academicos, não se podendo revelar n'elles a inspiração, mas sendo agradável a execução, ao passo que na esculptura é a as soas o artista creando, amoldando o barro, dando-lhe vida.



FIGURA DE HOMEM PELO ALUMNO CONSTANCIO



HOMEM DE PERFIL PELO ALUMNO ADRIANO DE SOUSA LOPES



BAIXO RELEVO PELO ALUMNO SALLES



CABECA DE MULHER PELO ALUMNO CARTANO

A EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUMNOS DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

O baixo relevo do alumno Salles é realmente um bello trabalho; as linhas grossas são harmonicas, as figuras tem expressão; para como uma grande desgraça sobre essas cabeças, ha n'um throno um homem fulminado, pretoriano sentindo essa dor, um povo apontando o céu; e em tudo isso, no nu, e nas roupas, na carnção das mulheres, nos rostos, na plasticidade revela-se o ar-

tista que fez tudo aquillo com alma, com sentiu isto. Nos outros trabalhos ha tambem alguns dignos de nota, destacando-se os da parte architectural: o motivo d'um palacio de musica, e o alçado d'um musen de architectura.



Real Collegio Militar

Em 1873 foi o Collegio Militar instalado pela segunda vez e d'uma forma definitiva no edificio da Luz, proximo de Carnide, a 6 kilometros de Lisboa, onde se conserva actualmento, e de onde será difficil agora arcaueal-o, visto o grande numero de melhoramentos que ali tem sido introduzidos, com manifesta vantagem para a vigilancia, disciplina, hygiene e applicação dos alumnos.

SENDO DO FUNDADO E DO COLLEGIO

Grande tem sido o numero de reformas e de planos de estudo por que tem passado o Real Collegio Militar, mas nunca se conseguiu reformar e fazer desaparecer os verdadeiros thesouros de dedicacão que encerram estes pequenitos soldados, na ansia da gloria e que pensam constantemente imitar os seus antepassados dos quass alguns houve que pela patria morreram gloriosamente. E' extraordinario o espirito de classe que se desenvolve no Collegio Militar!

Basta respirar uns dias n'aquelle meio para se ficar completamente fascinado toda a vida em seu favor.

Não nos referimos apenas aos alumnos, mas a todo o pessoal desde o velho e classico Varissimo com meio seculo de bons serviços no collegio, até ao seu augusto commandante honorario que tanto interesse manifesta pelos progressos do collegio, comparecendo a todas as



A BIBLIOTHECA

qual todos os membros, alumnos, empregados, professores e officias de servico se sentou solidarios; todos

instruic os respectivos alumnos, habilitando-os a ser admitidos em qualquer instituto de instrucção super-



SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE
D. LUIZ FILIPPE
COMMANDANTE HONORARIO DO REAL COLLEGIO MILITAR

que mais se distinguem no decorrer dos annos lectivos. O Real Collegio Militar é uma verdadeira familia na



A HORA DO ALMOÇO

solemnidades quando se trata de premiar os mais prestimosos servidores.

nas suas funcões diversas trabalham com ardor pela gloria e brilho do collegio, e qual durante um seculo tem dotado o exercito e o paiz com muitos dos seus mais prestimosos servidores.

O estabelecimento tem hoje por missão educar o

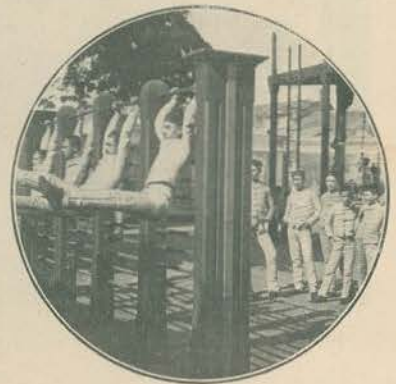
rior, e conjuntamente remunerar os officias e individuos com graduacão de official da força armada nacional de mar e terra, que honveram servido



SR. AUGUSTO CORDEIRO DINIZ
ALUNO N.º 126—COMMANDANTE DO REAL COLLEGIO MILITAR



EXERCICIO DE ESGRIMA



TRABALHOS EM BARRAS FIXAS

bom, pela admissão do seus filhos no referido estabelecimento, como pensionistas do Estado, ou mediante pensões satisfetas por aquelles individuos, ou suas familias, accomodadas aos soldos das suas differentes patentes.

O curso do Real Collegio Militar comprehende sete classes de um anno cada uma e segue a reforma decretada em 1865



SALTO DE CAVALLO

para o curso d'instrução secundaria, atenuada pelo que a experiencia tem mostrado de vantajoso para a sua proficua execucao e assim o tem provado o manifesto aproveitamento dos alumnos do collegio que nas escolas superiores são conhecidos com uma univel preparacao para proseguirem com facilidade nos diferentes cursos a que se destinam.

Mas o velho principio *mens sana in corpore sano* não se encontra desprezado; assim o attestam as medidas adoptadas nos ultimos annos, tendo por fim melhorar o regimen interno d'este estabelecimento de educao e ensino.

Exercícios phisicos são applicados diariamente e variados em todos os annos ou classes do curso, segundo as regras aconselhadas pelas autoridades technicas, comprehendendo a gymnastica, esgrima e equitação

Todo o conforto se encontra nas novas dependencias com que nos ultimos annos foi dotado o collegio, sendo para especialisar a casa de banhos, que é uma das mais completas installações d'este genero que se encontram em Portugal. A enfermaria, bibliotheca, sala d'armas, lavatorios geraes, recreios amplos e bem lavados d'ar purissimo, tudo concorre para que as vagas do Collegio Militar sejam disputadas feverosamente



CORONEL RAPOSO BOTELHO
DIRECTOR DO REAL L. COLLEGIO MILITAR

pelas familias que desejam educar os filhos e confiar-os a um regimen interno, que permite uma garantia incomparavel a este estabelecimento modelar.

O quadro effectivo de alumnos consta de 140 pensionistas, sendo 114m doctimo para os filhos dos officiaes da armada, 118m pensionistas, sendo 30 da classe civil. Dos 140 pensionistas ha uma percentagem de alumnos accorridos completamente pelo cargo do collegio, recebendo no fim de do curso fardamento e uma pensão para as matriculas nas escolas superiores.

Os alumnos que terminam o curso são promovidos a 1.º sargentos graduados cavaleiros com o vencimento de 300 reis diarios.

Officiaes dos mais distinctos do exercito tem a seu cargo a nobre missão de instrutores, inculcando no espirito d'aquelles soldadinhos em embryão as noções do dever, da honra e brio, que são os alicerces em que se funda toda a carreira militar, fazendo desabrochar pela educao as virtudes mais florescentes no peito do soldado.

E curioso ver o garbo e militar com que os turnos marcham denodadamente debruçados de fôrma para as ruas e ás vozes de commando altanadas dos pelizes, conselhos do seu papel de guerreiros ensados e experimentados das luctas do campo de batalha. Mas esta creua vaes-selles arrojando no espirito, e a pouco o pouco o espirito de obediencia e educao militar vaes fortalecendo; não pela obediencia servil, mas pelos

lacos indissolaveis da subordinacao militar, que entre elles se cultiva; pelos graus de commando que se confere aos mais aptos e premiados

Assim se encontram entre os alumnos commandantes de companhia, de batalhão, chefes de turno, etc., exigindo-se a cada um a responsabilidade dos deveres do cargo de que são



A COZINHA

investidos. O batalhão em marcha, todo de gracilidade e de belleza, leva consigo os corações que palpitam em faces de tanta gallardia, de tanto aprumo e de tanta gentileza.

A corporação de officiaes é constituída por individuos que possuem de ha muito um nome conhecido na vida militar ou no professorado.

O batalhão de alumnos do Real Collegio Militar tem tido dois commandantes honorarios; o primeiro foi Sua Magestade El-rei e seu herdeiro D. Carlos, quando Príncipe Real, e o segundo é Sua Alteza o Príncipe Real D. Luiz Philippe, que tem seguido com o mais vivo interesse todos os progressos do collegio.

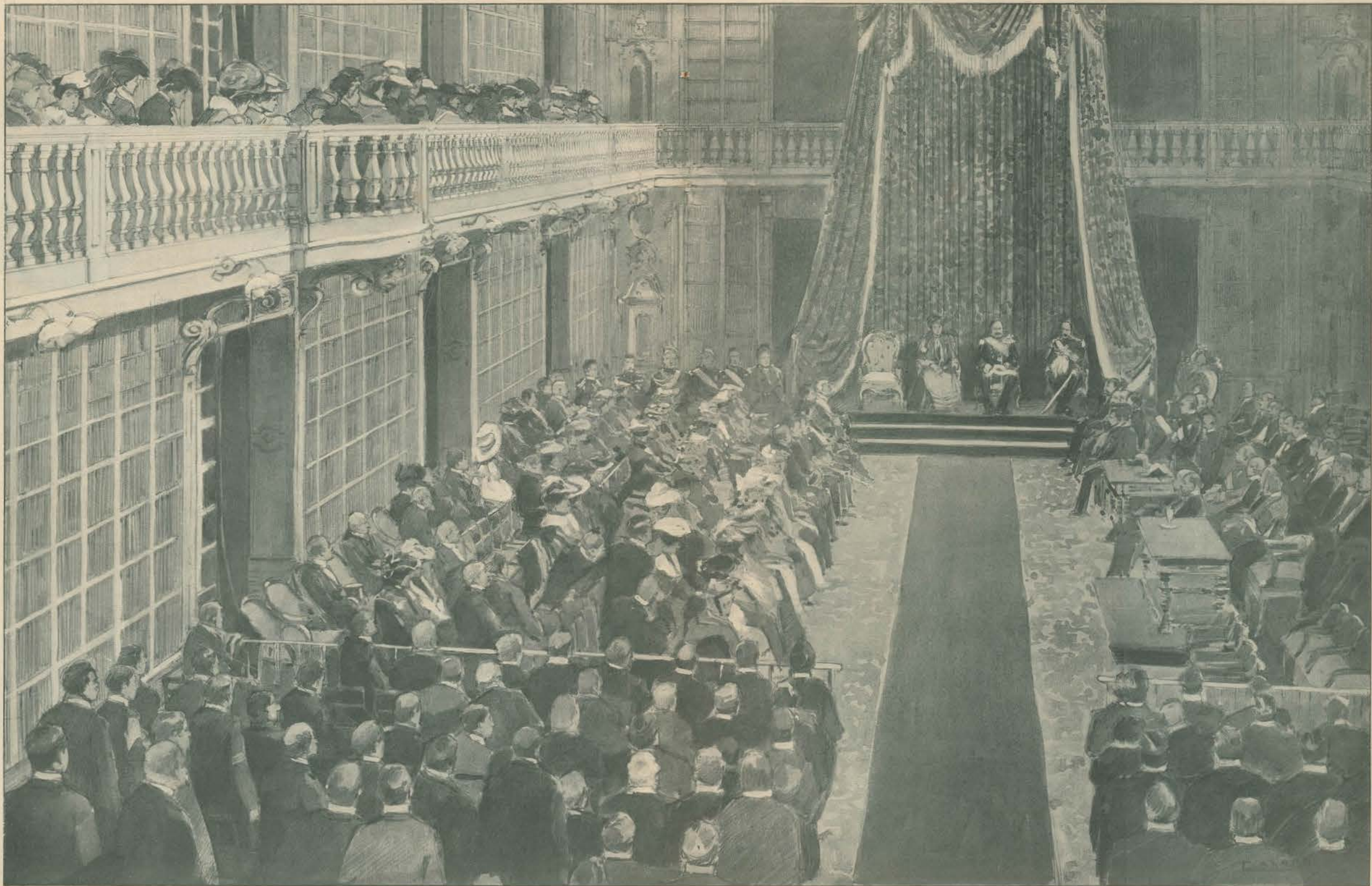
Está ainda memoravel a grande festa do centenário em que se inaugurou o busto do marechal Teixeira Rebelo, tendo havido por essa occasião uma das festas commemorativas mais brilhantes, a que tem assistido a grande familia militar, tendo-se reunido no collegio, n'um jantar, 250 convivas, antigos alumnos d'aquelle estabelecimento.

[Continúa].

JOÃO CORREIA DOS SANTOS.



NO PATIO DA GYMNASICA E EXERCÍCIOS DE «SPORT»



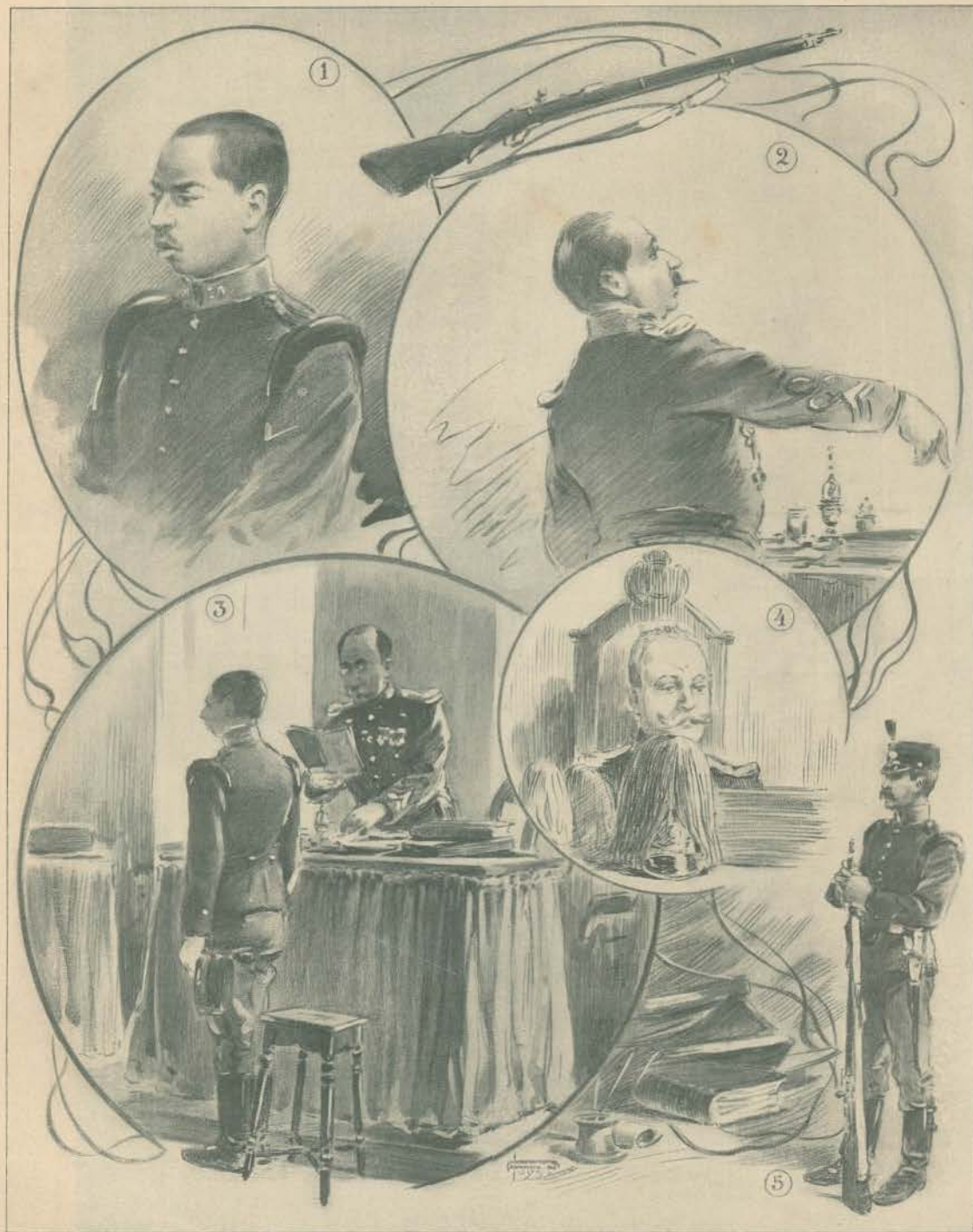
A SESSÃO DO ELOGIO HISTÓRICO DE ALMEIDA GARRETT FEITO PELO ACADEMICO SR. SOUZA MONTEIRO EM 19 DE FEVEREIRO NA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

SS. MM. assistiram a sessão, assim como o corpo diplomático. O vice-presidente da Academia, sr. Virgílio Machado, abriu a sessão e agradeceu a comparecência de SS. MM. Falou do prêmio D.

Luiz, que deve ser concedido a obra literária de maior valor apresentada a um concurso annuo e que depois da celebre questão entre Pinheiro Chagas e Eça de Queiroz por causa de ser dada o prêmio ao Duque de Viseu de Lopes de Mendonça, nunca mais foi aberto. O sr. dr. Virgílio

Machado agradeceu a S. M. a protecção que tem dispensado à Academia por todos os modos e tambem por ter perpetuado esse premio e logo de seguida o sr. Pina Vidal leu o relatório da Academia, começando depois o academico sr. Souza Monteiro a sua oração sobre Garrett. Refe-

riu-se aquelle escriptor e a obra litteraria do senhor de Frei Luiz de Sousa, dizendo que este drama exprime a piedade e a fé e que o *Miguel de Santarem* representa o amor da patria. SS. MM. felicitaram o sr. Monteiro, depois do que foram lidas as propostas para premio no corrente anno.



O JULGAMENTO DO SOLDADO JOSÉ RIBEIRO QUE ASSASSINOU O CABO GUIMARÃES D'INFANTARIA 16

1, O REU—2, O PROMOTOR MAJOR ALEXANDRE SANSFIELD—3, O DEFENSOR MAJOR CASTRO E SOLLA—4, O PRESIDENTE DO TRIBUNAL CORONEL DE ENGENHARIA PEREIRA DIAS—5, UM SOLDADO DA ESCOLTA

O soldado de infantaria (6 José Ribeiro assassinou o cabo Guimarães, de sorte, ao render da guarda, em virtude d'uma velha rixa havida entre ambos e que o cabo mais acirrada com uma repressão. Entregou-se a prisão e confessou o crime sem buscar deviar-se das responsabilidades. Em nome da disciplina o tribunal militar condemnou-o a morte. Desde 1875 que não se proferiam sentenças de morte, tendo sido os últimos indivíduos condemnados o soldado Antonio Coelho, do

Infantaria 2, que assassinou o alferes Palma e Brito, e o cabo Antonio da Costa, que matou um soldado e que pertenciam e me o contemporâneo d'agora ao regimento de Infantaria 16. O tribunal que julgou o caso José Ribeiro foi constituído pelos seus presidente e os vogues Charles Spitt'Aziz, Boaventura Noronha e Machado da Camara, pelo juiz auditor sr. dr. Eugenio de Castro, sendo promotor e major sr. Sarsfield, defensor o sr. major Castro e Solla e escripto o inperite Xavier Adriaõ.



AS ALUNNAS PREMIAVAS:

Alice Beatriz d'Oliveira Carmo, Capitolina do Rosario, Maria Theresza Castro, Celeste Rosina da Silva, Judith Macoco Monge, Mariana Martins, Aurora Rodrigues da Costa, Maria Julia Luta, Palmira Leite, Iabania Filippe Goncalves, Henriqueta da Conceição Pereira, Deolinda

Domingas, Estephania da Conceição Costa, Luiza Augusta Cabral Martins, Carolina Iria da Costa, Belmira Felix.



DEPOIS DO «LUNCH»—GRUPO DE CRIANÇAS E DE CONVIDADOS NO PATIO DO ATHENEU
A FESTA DA ACADEMIA D'INSTRUCCAO POPULAR NO ATHENEU COMMERCIAL EM 10 DE FEVEREIRO

A Academia de Instrução Popular é uma agremiação liberal onde se filiam do povo recebem ensino, livros e utensilios necessarios ao estudo. Na rua dos Remedios e Alfama está instalada. A Academia, mas no Atheneu Commercial se realizam as entregas dos premios aos alumnos no domingo 10 de fevereiro. As recompensas dadas ás crianças do sexo feminino consistiam de diversos objectos de realtario, além d'um premio de distincção, que era um braceo e bracos d'ouro

offerecidos pela Associação de Beneficência José Estevão e que foi entregue á menina Mariana Malartina. Foram distribuidos mais outros premios, que consistiam de romances de Julio Verne. Alguns oradores dos partidos avancados e varios membros da maçonaria usaram da palavra e final a sessão foi servido um lunch ás crianças, que se mostravam radiantes, com essa bella e santa allegria da mocidade.



A COMISSÃO PROMOTORA DOS FESTEJOS

SRS. 1. CARNAL, 2. URBANO DE CASTRO, 3. ALVES FERREIRA, 4. ALBERTO LORAS, 5. PIETRO RODRIGUES, 6. VERGADOS DE FARIA, 7. ALMEIDA FERREIRA, 8. M. HOMER, 9. T. BARROSA, 10. CORADO, 11. DAMITO, 12. QUANTIS



«UMA DAMA DA RAINHA»
SR. MELLA



«A RAINHA DA FESTA»
SR. CARLOS ADEMAR



«OUTRA DAMA DA RAINHA»
SR. FERREIRA MARQUES



A FESTA DOS ALUMNOS DO LYCEU DE S. DOMINGOS—A TUNA DO LYCEU

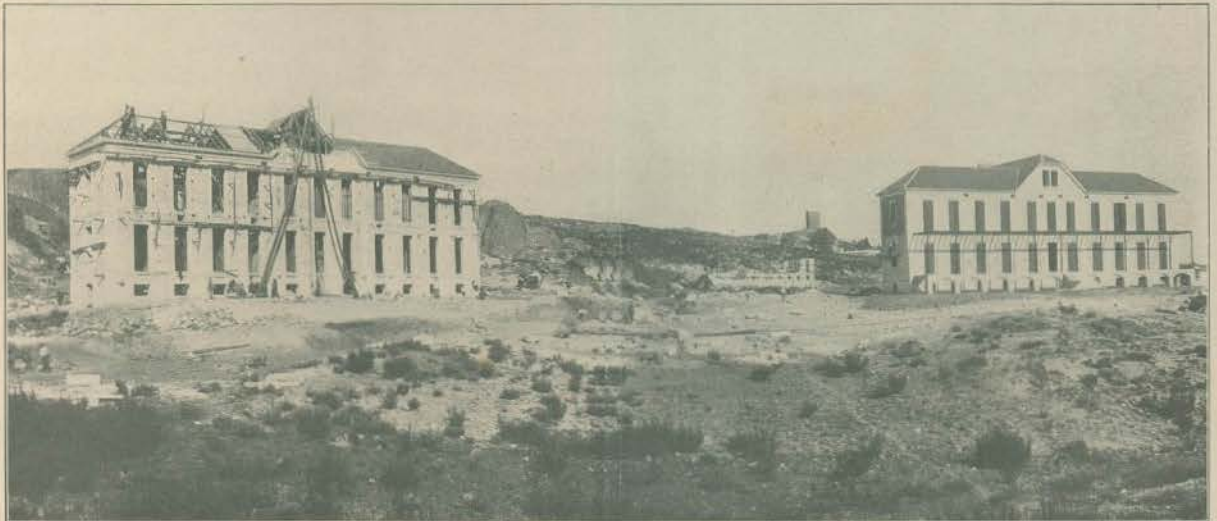
Os rapazes do Lyceu parodiaram os jogos florais da Escola Polytechnica. Foi uma festa de espirito, bastante de graça e de jovialidade. Tudo se passou em segredo e a publico, quando se dispôs a assistir ao espectáculo, julgou-se a verdade que lá vieram muitas rainhas pelos vizes, que lá assistir a uma festa de seriedade e galanteria; no fim riu a perder e não deixou de regalar diante do que se lhe deparou. Fizeram uma parodia na rigorosa acção da palavra; não falaram os rapazes vestidos de damas e a capricho representando a rainha e as suas aias, nem os poetas pandegos de ares romicos imitando os que a serio fizeram os seus versos para os jogos florais da Polytechnica. Os proprios versos eram parodia dos collegas de outra festividade; sem vez de *Amar-Singelo*, e *Namora-de-fanella*, em vez de *Peregrinos*, *Quero Vinho*. Os rapazes sacaram-lhes exagorados de doulre, se paucos damas de igual modo proccuram e ao meio de tudo isto se Tuna locava trechos tambem de parodia a outros da Tuna da Polytechnica, como a *Pastorinha*, *cocho* e a *Patrolha*. No fim os alumnos da Escola que assistiram a festa protestaram, levantou-se balburdia, mas não houve a lamentar crises de maior gravidade, porque o publico apartou, atende lá gargalhada, os rapazes que se desafiavam depois d'essa espirotica festa de alegria, toda de graça e de plads.



SR. CONSELHEIRO JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO
QUE FEZ O ELOGIO HISTÓRICO DE GARRETT NA ACADEMIA
REAL DAS CIÊNCIAS



HABITAÇÕES ARTÍSTICAS.—A CASA DO PINTOR MALHOA NA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELLO.
TRABALHO DO ARCHITECTO SR. NORTE JUNIOR



OS TRABALHOS DOS SANATORIOS SOUZA MARTINS NA A CIDADE DA GUARDA DESTINADOS A TUBERCULOSOS

São tres os pavilhões sanatorios; um d'elles ja está concluido, os outros estão em construção,
tendo recommençado os trabalhos que o inverno agreste d'essa região viera interromper.

Estão empregados nas obras 365 operarios sob a fiscalização dos delegados da Assistencia Na-
cional aos Tuberculosos na Guarda, sendo todas as desposas pagas por esta associação.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Embaraçado, tomando uma attitudo digna, lord Beckford respondeu com simplicidade:

— Na Inglaterra tambem ha cães e mendigos, Alteza!

— Não são como os nossos, lord!

Com um sorriso ironico, lord Beckford perguntou:

— Os cães?

Tristemente, D. José disse:

— Não, os mendigos!

— Em que os differença Vossa Alteza?

— Os da Inglaterra pedem por miseria, os de Portugal pedem por império.

Lord Beckford abriu a bocca, de espanto.

— Ah! mas isto ha-de acabar um dia, lord! — atalhou

d'esta ruina presente, o sahir d'este atoleiro! Com menos policia, menos frades, ministros mais zelosos e fidalgos menos omnipotentes, se fará de Portugal um grande Imperio.

— Ou uma grande republica, Alteza!

— E porque não, se isso fór indispensavel á sua prosperidade?

— Uma republica onde Vossa Alteza seria...

— Um cidadão!

— Ou uma victima? — completou lord Beckford com gravidade.

O Principe recuou um passo, os seus olhos dilataram-se de doloroso espanto, obscurecidos por uma duvida repentina. Mas, depressa, um sorriso lhe abriu os labios, lhe illuminou o olhar.

— Não! é impossivel, lord! Porque uma victima? Eu só quero o bem do meu povo!

— Fomos Vossa Alteza o exemplo de Sua Magestade Catholica, o rei Carlos III da Hespanha! Foi com o seu povo que teve a honra de iniciar quando quiz libertado do jugo dos jesuitas! O povo é como as ervas: morrem quando as lavam!

— Foi tambem Sua Magestade Apostolica quem d'isso informou Vossa Alteza? — perguntou lord Beckford, guardando o seu aspecto sereno.

— Não, lord! Quem d'isso me informou largamente foi a camara dos Communs!

— Que vem do votar, por proposta do chanceller Pitt, a dimittição dos direitos dos vinhos portuguezes...

— Conformemente ao espirito do tratado de Methuen.

— E' certo, Alteza.

— Muito obrigado, como Principe portuguez, a resolução dos Communs. Mas não me podera dizer o lord em obediencia á que tratado o chanceller Pitt propôs simultaneamente a dimittição dos direitos para os vinhos hespanhoes?

Lord Beckford morden o labio e calou-se.

D. José cambion, sorrindo, até uma das grandes janellas, que communicavam a sala de throno com os jardins, e, voltandose, disse com gentileza:

— Não me queira mal, lord, de por tanto tempo o haveo privado do gozo d'esta lindo dia de primavera. O senhor Horne deve imaginar a estas horas que o encalourei.



NÃO SE VE UM PALMO ADELANTE

precipitadamente o Principe. — Torna-se necessario recolher os velhos e os alejados em asylos e dar trabalho aos valdevinos! Por menos que lhe pareça, Portugal é um paiz rico e o povo é intelligente, laborioso e honesto. Foram a tyrannia e o fanatismo, o fidalgo e o nobre que o reduziram a esse maltrapilho, que pede esmola nas estradas! Em Portugal tudo está por fazer! As nossas industrias, desde que as desamparou o Marquez, decahiram. A nossa agricultura é rudimentar, como nos tempos da Biblia. A nossa balança commercial accusa um extraordinario deficit. Em sei tudo! Em vejo tudo! Um dia, quando erasca, fazia eu notar ao Marquez que o panno da sua casaca era feio e a seda dos seus calções não era bonita. Gravemente, passando-me a mão pela cabeça, o Marquez respondeu-me: — «Eu acho o panno excellente e a seda soberba: são portuguezes! Tinha eu apenas doze annos. Nunca mais esqueci essas nobres palavras! Não creia, lord, que seja impossivel a Portugal o progredir, o salvar-se

— Em Portugal, o povo applaudiu meu avô!

Lord Beckford redarguiu, com severidade:

— Sua Magestade Apostolica, o imperador da Alemanha, José II, tem encontrado a mais obstinada resistencia na execução das suas reformas liberas, que Vossa Alteza tanto admira. O ser, duque de Lafões deve ter elucidação a este respeito Vossa Alteza, como homem sabedor e prudente.

— O proprio imperador me vem posto ao facto de tudo.

— E Vossa Alteza...

— Admiro-o, lord, e desejo limitá-lo.

— Será Vossa Alteza, um dia, soberano de dilatados dominios na America?

— E então, lord?

— A liberdade chama-se independencia, na America. Engana-se, lord! Foram os rigores da Inglaterra, e não a sua liberalidade, que revoltaram os Estados-Unidos!

Muito me honrou Vossa Alteza, retendo-me a seu lado.

— A falar de politica com quem vinha de admirar as rosas de Palhavã. Não trouxe consigo algumas, lord?

— Não, Alteza. Tive piedade d'ellas.

— Lembrou-se do ramalhete de hontem?

Lord Beckford erguen a cabeça com um brusco movimento de despeito e surpresa.

— Já o sabe Vossa Alteza? Já sei, lord. E' um homem verdadeiramente extraordinario, esse conde de Stephanis!

— Senhor, é um charlatão, um homem perigoso...

— Perigoso para quem, lord?

— Não para mim, Alteza.

Formalmente, D. José perguntou:

— Ha muito que o conhece?

— De ha muito.

— Não lhe encontra nenhuma qualidade?

— A audacia!

— Além d'essa, uma outra possuo, que se impõe á minha estima e á minha confiança: é este paiz de espiões,

o senhor conde de Stephanis não espia ninguém!

Lord Beckford empallideceu, subitamente.

Ribeiro, D. José perguntou:

— Sente-se mal, lord?

— Porque o pergunta Vossa Alteza?
— Cuidai vel-o empalidecer...
— Não, Alteza... Porque? Se alguém tinha motivos para empalidecer não era eu? Beijo a mão a Vossa Alteza Real, com a mais grata submissão...
— O coronel Luiz de Miranda o guiará nos jardins, lord! Por certo, ainda se demora em Lisboa?
— Lord Beckford guardou o tricorneo debaixo do braço, perliou-se, e, olhando fixamente o príncipe, respondeu com socra:
— Não, Alteza... Amanhã de madrugada parto para as Caldas...
D. José estremeceu, ficou calado, sem despegar os olhos de lord Beckford, que riu calmamente, inutilmente, se curvou nas tres reverencias da etiqueta, e romando sempre, sem deixar de sorrir, alcançou a porta de vidros de Venexa, encimada de trophéos bellicos e grinaldas de rosas, fez uma ultima ventá e saiu.
So então o Principe do Brazil avançou, pallido, brandindo o bastão.
— Epíto de Inglaterra! Covarde! Intrigante!
Mas a sua voz perdeu-se na immensa sala, onde os espelhos reflectiam a sua cora inutil.

Doas lagrimas de raiva enevoaram os seus olhos azues. Parecia-lhe que tudo, em redor, oscillava, que as paredes se desequilibravam, as vidraças e os espelhos se partiam com uma enorme e crystallina gargalhada, o chão cedida sob os seus passos e os tectos dourados desciam, ameaçadores, sobre a sua cabeça.

Ainda, por um momento, apoiado no bastão, elle forcejou por se sentar de pé. Mas as pernas vergaram-lhe, o olhar obscureceu-se-lhe, as suas mãos frias oscillaram, como asas de uma ave ferida, e caiu desmaiado, como uma massa inerte.

Longo a seguir, a porta, por onde desaparecera lord Beckford, entrou abri-se discretamente o duque de Lafões perguntou:
— Sua Magestade, o Rei de Quexiz, recebe o seu Lordon-Mór?

E como nenhuma voz respondeu, Lafões empurrou de todo a porta e soltou um grito afflicto.

No meio da vasta sala, debaixo dos grandes lustres de Venexa, D. José estava caído, estrobruchando.

Lafões precipitou-se, ajoelhou ao lado do corpo do Principe, levantou-lhe a cabeça empoad e com o carinho de um pai, vergando-se sobre ella, botou-na na frente.

D. José abriu os olhos, contemplou, durante longo tempo, como um cego, que por milagre, recuperasse a vista, a rebrilante sala e os espelhos reflexivos.

Em silencio, amparando-o, o duque ajudou-o a erguer-se, e sustendo-o, cingindo-o, abraçando quasi, como mãe os hofos do cordão, o laço do cadagão, os tufos da cabellera.

D. José parou de olhar a sala, empunhou o bastão, que o duque levantara do tapete, e sacudindo a cabeça, com uma voz triste, murmurou:
— Que sou eu mais, meu tio, além de uma pobre eriança doente?

Lafões limpou uma lagrima de commoção e respondeu com enternecida gravidade:
— Vossa Alteza é um grande Principe e será um dia um grande Rei!

D. José sacudiu outra vez a sua cabeça pallida.
— Um grande Rei? Talvez, duque, no outro mundo!

SEGUNDA PARTE

CAPITULO XII

A ESTALAGEM DO DIABO

A mais espessa escuridão envolvia a sego, que ainda uma vez parou, depois de passar a Mata da Guerra, no ornamento das estradas de Torres e de Runa.

Inquieto, Cagliostro correu a cortina da sego e perguntou com intimativa:
— Porque paramos?

O azeiro voltou-se no selim.
— Não se vê um palmo adiante das orelhas dos cavallos. E preciso accender as lanternas.

— Segne o caminho. Temos vindo até aqui com ellas apagadas.

— O poor caminho começa agora e são ainda oito legoas até ás Caldas... Inclini o segoiro, ressurandando.
— Esporeia o cavallo! — ordenou Cagliostro, desabrido.

A parella precisa de descanso...
— Descansará nas Caldas.

— Chega lá arrastada
— Que tens tu com isso, se ella é minha?
O segoiro rosou uma pragu, achegou ao queixo a golla do capote, prendeu o rellho ao pulso pela azelha do couro, voltou-se ainda, com as pernas esticadas nos estribos de péo.

— Temos de ir pela estrada de S. Gião á Azambuja-lira.
Facição, Cagliostro desceu da sego, inclinou com um gesto imperioso a estrada da mão direita.

— Pelo caminho de Runa e a trote! Ou lá passas, maricota, que eu vijo para me recrear e que mais uma legoa de sego é demora que se compadeça com a minha pressa?

— A estrada da Bugalheira tem bufoques de dois palmos!

— Passaremos por cima d'ellos! Tratei contigo para me levares ás Caldas: a mim e a este frade franciscano.

— O caminho por Obidos é mmais seguro...
— Pela estrada de Runa é mmais rapido.

— Costumam sahir ladroses ao caminho...
— Levo armas e coragem! V'amos para diante!
O azeiro ergoun o rellho esobre as cabeças dos cavallos.

Cagliostro subiu de novo para a sego. Mas a mão do frade cahiu sobre o seu hombro, puxou-o a si, e o franciscano segredou-lhe ao ouvido:
— Senhor, ocauto.

— O que é? — perguntou Cagliostro, em italiano.
— Outra vez o tropel de cavallos!

Cagliostro dobruçou-se, contendo a respiração, prestando o ouvido.
— Vem longo!
— Cada voz mmais perto, senhor!
— Estamos sendo seguidos!
— Ou perseguidos!

Cagliostro apalçou, instinctivamente, as coronhas das pistolas, experimentou, sob o capote, o jogo da espada na bainha.

O rodar da sego cobria agora o tropel da longuina cavalgada. A noite impenetravel não deixava distinguir nem as sombras das arvoros. Os cavallos, depois de um ligeiro trote, recobiam na sua tropoga andadura.

— O segoiro vai a dormir na sella, senhor! — disse o frade em voz baixa.
— Os cavallos vão cansados.



EM MEIO DA SALA

— Os cavallos são fortes, senhor.
— Há quatro horas, que caminhamos.
— A passo... — tornou a voz napolitana do frade.
Cagliostro estremeceu violentamente, agarrón o franciscano pelo caxuz do habito.

— As tuas palavras occultam alguma coisa!
— Senhor, eu guariá a sego a galope!
— Em caminhão desconhecido?

— Accenderíamos as lanternas...
— Para nos descobrirem?
— Dentro de uma hora teríamos a policia a com passos de nós.

— Suspeitas do segoiro?
— E' um ocauto!
— Per la Madonna! Foste tu a que o descobriste, tratante!

— Senhor, segui o vosso conselhio. *Fatta anche il prete a dir la messa*. — Tratei a a vingem com o alquildor do arco do Bom Succeso!

— Em nome de quem, patife?
— De um guarda noble do Pa'apa, secretario da Nunciatura, que vija com o seu confessor, frade da ordem de S. Francisco d'Assis.

Cagliostro calou-se, de novo enfiou a cabeça pela portinhola da sego, espiaando em r redor a noite escurissima.
— Per Bacco! Não avançamos a meia legoa por hora!

— Senhor, deixao-me despír o habito e subir para a sella...
— Que queres que façamos do segoiro?
— Deixamo-o ficar na estrada
— Para nos trahir?
— Dá-se lho o procelo para que se caia
— Ou'ro?
— Ou ferro!
Cagliostro sacudiu a cabeça.

— Não!
— Em menos de uma hora temos o piqueto ás portinholas...
— Diacola! — rosou Cagliostro, alçando o punho fechado.

— Envergae o habito, senhor, e deixao-me descer para falar ao segoiro...
Cagliostro calou-se.

Rapidamente, o napolitano desatou as emandulas, arranco as sandalias, despín o burel fradesco. Sem rumor, da caixa da sego tirou umas botas com esporas, um tricorneo preto. O frade transformara-se de repente no eguarico do conde de Stephanis, que o meirinho do Halro Alto mandara prender na noite do sermão do Calhariz e que o Intendente soltara depois da entrevista com Cagliostro, como um refem inutil.

— Senhor, envergae agora o habito...
Cagliostro, que parecia meditar, estremeceu.
— Outra vez, a sego parou. Então o napolitano benzeu-se, arranco do cinto um punhal, saltou ao estribo e desapareceu na escuridão.

Cagliostro puxou das pistolas e fechou os olhos, como se não lio bastasse o negro da noite para não ver consummar aquella crime.

Aos seus ouvidos chegaro apenas a tiliñar dos arveios, que o cavallo de sella, sentindo desabar o cavalleiro, acudira com violencia, seguido do baque de um corpo no solo lamacento. Nem um grito, nem uma supplica, nem um gemido. Um corpo que se desequilibra e cabe da sella de um cavallo para a cová.

Tranquillamente, o napolitano veio annunciar á portinhola:
— A sego empereu n'um atoleiro.
Cagliostro abriu os olhos, disse baixo:
— E' necessario precipital o de uma ribanceira.
— A' sego? — perguntou o napolitano com alegria diabolica.
— Ao cadaver... — respondeu Cagliostro, com voz severa.

O eguarico desapareceu na treva. Cagliostro, com a mão no pulso, attento ao latidar da arteria, contava os minutos, longos, interminaveis. Pareceu-lho ver através

do vulto de Pierino, arrastando pelos cabellos o cadaver do segoiro, enjar esporas choculavando nas pedras. Depois, uma voz do chaaco disse na escuridão:
— *A cacciadana gli onori dovuti!*

E ovist-se o rumor secco de um corpo, que caiu des amparado n'um abysmo, arrastando collhos uma queda.

— Fosse, em seguida, um grande silencio na noite os cura, onde repercutia a estrepada longuina, apenas perceptivel a ouvidos prevandice, do piqueto.
Cagliostro correu a cortina da sego.

— *Adate presto!*
Pierino accendeu tranquillamente as lanternas com o fuzil, apañou o rellho da lama e brandiu-o repetidas vezes sobre as cabeças dos cavallos. Mas a sego, atoleida até nos cixos, não se movia.

Cagliostro desceu o estribo, muito pallido, para examinar, á luz morticia das lanternas, os rodas encravadas da sego.

— Todos os seus calculos de ambição, todo aquelle andaloso plano iriam ficar na lama d'aquelle atoleiro?
Um accesso de desesperada raiva transformou-lho em mensucos em cordas de aço. Ajudado por Pierino, que praguejava como um napolitano, por tres vezes experimentou levantar a sego.



SR. CONDE DE THOMAR
Fallecido em 20 de fevereiro



GENERAL ERNESTO CASTEL BRANCO
Director do Museu d'Artilharia, fallecido em 21 de fevereiro

CHRONICA ELEGANTE

Continuam os bailes e serões a estar na ordem do dia, ou antes da noite, e é tão interessante e complexo este assumpto, que demanda naturalmente todas as atenções e cuidados. Um baile ou grande *sairée* não é tão facil de organizar como á primeira vista parece.

A tudo que se possa uma casa e todas as condições apropriadas e um *train-de-maison* de primeira ordem, ha um certo numero de detalhes e minucias que se dependem do bom gosto, do *savoir-faire* dos donos da casa, sobretudo da dona da casa.

A decoração das salas attinge actualmente proporções feéricas, para o que contribue poderosamente o reinado muito moderno da electricidade.

As contornas de luzes multicolores espalhadas ao acaso pelas paredes, tectos, mesas, portas, scintillando como estrelas no meio dos massios de plantas e flores caras, dão-nos a illusão d'uns palacios de fadas, daquelles com que nos embalam na nossa meninice e que só viamos em imaginação nos contos de Perrault e das Mil e Uma Noites. A questão do solo d'uma sala de baile tambem é muitas vezes bastante dissendida. Os tapetes ha longo tempo que estão fora da moda, o muito acertadamente, pois difficultavam as evoluções coreographicas e tinham muitos outros inconvenientes inuteis de enumerar.

mos e variados em todos os generos, rendas, tulles, flores, joias falsas e verdadeiras, pellos, gazees, finalmente tudo é admittivel na confecção d'umas encantadoras *toilettes*. Uma novidade muito *smart* é a renda de prata, não de tulle bordado a prata, mas feita em fio de prata e feita á mão, de bilros, *filé*, frioleiras e até á de *crochet*.

Estas rendas usam-se tambem nas *toilettes* de visitas e de passeio elegantes. As rendas finas, sobretudo as antigas, compõem guarnições principaes. Nos vestidos de velludo e seda figuram com toda a elegancia as *berthes* e enfeites soltos de renda portuguesa artistica que está cada dia obtendo maiores sufragios e preferencias.

Fig. 1 — *Paletot* de *polluche grenat* bordado a ouro.

Fig. 2 — *Tricosté* de *Orndina* em gaze *vert d'eau* sobre fundo prateado; guarnições de *acanthus* e fitas de setim verde, folhos de gaze e tulle verde e prateado. Perolas e flores aquaticas nos cabellos.

Fig. 3 — *Toilette* de baile em gaze branca e borduras de plumas brancas. Ramo de *hemp-de-nyse* folhas de tulle e plumas. Perolas e brilhantes.



FIGURA 1



FIGURA 2

Hoje impera o *parquet*. Mas não terá este tambem os seus senões? Aquella superficie polida, brilhante, lisa e escorregadia não exige por vezes prodigios de equilibrio e alguns roquebros de patinador? No estrangeiro está agora em uso, m'alguns salões de baile, cobrir o solo com uma linhagem vermelha, que é finalmente um tapete, sem os inconvenientes da alcatifa nem do *parquet*.

Ha ainda muitos outros detalhes que reservamos para chronicas subsequentes.

Em questão de *toilettes* estão tambem as de baile merecendo particular attenção. Poucas alterações apparecem e raras novidades de sensação. Bordados riquissi-



FIGURA 3

Photographia Oriental
de A. M. ALMEIDA
Campo das Cabolas (chalel) — Lisboa
Retratos em todos os generos

Campião & C. Rua do Amparo, 118
Loterias à venda — 19 de abril
50:000\$000 bilhes a 24000 réis.
10 de junho
60:000\$000 bilhes a 30000 réis.



SAPATARIA
PARISIENSE
EDUARDO DE SOUSA
CALÇADO DE TODAS AS QUALIDADES
55, RUA DE SANTA JUSTA, 57,
LISBOA

Chronometre
ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.

Antiga fabrica de flos, canotilhas, lantejoulas, galões e zombas de ouro e prata fina. — (Estabelecida desde 1793 na Il. N. do S. Domingos, 7, 4. — Actualmente Rua de Santo André, 76, 4. — junto a igreja de S. Luiz.

Mexicanos
Delicioso charno para 80 rs. Verdadeiro no do que tem a honra de ser portador Manuel F. Vaz.

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES
ATELIER DE ALFAIATE
A. C. LOPES & C.
CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS 55, Rua Ivens, 57, 1.º
LISBOA

ARTISTICA ENCADERNAÇÃO

Brilhantes capas em percalina encarnada, a ouro e cores, superiormente illustrada por Santos Silva, como indica o desenho junto, para a encadernação de cada semestre da notavel revista a **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**

Capa e respectivo indice, para cada semestre **700 réis.**

Os assignatnos das terras em que não houver boa officina, podem obter a encadernação luxuosa de cada semestre da bella revista, nella quantia de **13250 réis** assim distribuidos

Capas	700 réis
Encadernação	300 réis
Borte do caminho de ferro	150 réis
Emballagem	100 réis
Total	13250 réis

Para isso deverão enviar os respectivos exemplares à **Empreza d'O Seculo** — Lisboa — bem acondicionados, rematando a quantia referida em vale do correio ou carta registada.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



EMPREZA DO JORNAL O SEculo

Escola Estephania
48, Rua d'Arroyos, 48
Alumnos internos, semi-externos e externos — Curso primario, secundario e commercial.
Directora e proprietaria Agostinho J. Fortes
Fabrica de carimbos de borra-cha, madeira e metal de Adelino L. Pedrosa.
Gravuras em todos os generos.
Rua de S. Julião, 108

MERCURIO
Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres
Capital 2.000.000\$000
Deposito no Thesouro Federal Réis 200.000\$000
Acreditada a funcionar por carta patente n.º 2
Incorporada pela Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro
41, Rua Primeiro de Março, 41
Junho do Banco União do Commercio
RIO DE JANEIRO
Tem pago sinistros, abatendo resgueros, em seis semestres, mais de 1.000.000\$000 réis
Directoria: José Ribeiro Duarte, thesoureiro; Thomas Costa e Joaquim Nunes da Rocha
Addressa telegraphica: Azoague (Cod.º Ribeiro) Caixa de Correio n.º 36—Telephone 235
Tem agencia no Porto e em outras cidades

VINHOS ESPUMANTES
ASSOCIAÇÃO VINICOLA



AGENTES EM LISBOA: SANTA BARBARA & C. ADELTE

A CASA AFRICANA
152, 154, 156, Rua Augusta, 152, 154, 156
LIQUIDACÃO AUTHENTICA de todos os artigos de inverno
Em virtude da proxima mudança d'este importante estabelecimento e seus grandes armazens parara a nova casa situada na mesma rua, para um amplo e espaçoso edificio com vinte portadas e numerosas vitrines, a

CASA AFRICANA
vende por preços mais baixos e em plena e aberta concorrência com todos os estabelecimentos da capital TODAS AS FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES DE INVERNO COM DESCONTOS ENORMES e que mais **NENHUMA OUTRA CASA** pode fazer já porque as fazendas da **CASA AFRICANA** são compradas directamente e em condições excepçionaes, em virtude das grandes encomendas, e tambem porque deseja saldar toda a existencia dosos mesmos artigos de inverno.

A numerosa clientella da **CASA AFRICANA** tem, pois, uma **extraordinaria e excepcional occasião unica** de comprar as melhores fazendas e artigos de toilette que c constituem o grande fornecimento da **CASA AFRICANA**, por preços cuja barateza e boas qualidades garantimos absolutamente.

CASA AFRICANA Rua Augusta, 152, 154 e 156
RUA DA VICTORIA

NESTLE
FARINHA LACTEA

Francisco Leal & C.ª
IMPORTADORES
DE
Carvão de pedra de todas as qualidades, coke e ferro gusa para 1 fundições
AGENTES DO CARVÃO DOMESTICO
Deposito—Rua do Gamboa, 14 a 26
Escritorio—Rua 1.ª de Março, 67, 1.ª
RIO DE JANEIRO

O MELHOR DIGESTIVO — TONICO — NEVROSTHENICO

VITALOL

A clinica — o superior tribunal da sciencia — tem sancionado o valor curativo do **VITALOL** nas molestias onde ha perda de phosphatos Tolerancia — Diabete — Irritabilidade — Neurasthenia — Debilidade geral — Surmombrose — Gonççao ptyósico e Intellectual — Digestões difficilissimas — Impotencia — Esgotamento — etc.

DEPOSITOS
Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Droguaria Amalric
E EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE



A Companhia Franceza

DO

Faz saber ao publico em geral e aos seus clientes da provincia que andam por fóra alguns caixeiros viajantes que se dizem empregados da **Companhia Franceza do Gramophone**, apresentando discos e apparatus que nada teem de commum com os productos da mesma companhia, já pela sua flagrante inferioridade, já pela sua procedencia, e **AVISA** que os seus empregados e caixeiros de provincia são obrigados a apresentar uma carta assignada pela gerencia da mesma companhia, e que só a elles devem ser dadas as encomendas.

Companhia
Franceza

DO

GRAMOPHONE

Agentes
em Lisboa

A. C. CALDERON,
Rua de S. Nicolau.

SANTOS DINIZ,
Avenida da Liberdade.

LEOPOLDO WAGNER,
Rua do Ouro, 72.

EDUARDO BAPTISTA,
Rua do Ouro, 175

Agente no Porto

Arthur Barbedo,
Rua Mousinho da Silveira, 310, 1.º

Agente em Braga

Manuel Antonio Maneiro Gomes

Nova installação da Companhia Franceza do
Gramophone

Largo da rua do Principe, 8, 1.º - Lisboa



LA VIE DE MON PAYS